
DE “CURIOSA” À “PARTEIRA DE VERDADE”: COMPREENSÃO, ASSIMILAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PARTEJAR TRADICIONAL

FROM “CURIOUS” TO “TRUE MIDWIVES”: UNDERSTANDING,
ASSIMILATIONS AND DEVELOPMENT OF TRADITIONAL CHILDBIRTH

Raysa Nascimento¹

<http://orcid.org/0000-0002-4136-1991>

<http://lattes.cnpq.br/4017502987671122>

Recebido em: 25 de maio de 2020

Aprovado em: 11 de julho de 2020

RESUMO: Esse artigo trata sobre o aprendizado do partejar tradicional por Parteiras Tradicionais do Município de Santana, no Estado do Amapá. O objetivo é descrever como ocorre o processo de aprendizagem das técnicas utilizadas nos atendimentos prestados por parteiras tradicionais de Santana às mulheres gestantes. A pesquisa ocorreu no período de 2016 a 2018, sendo que a primeira fase tratou do levantamento bibliográfico acerca da temática e das teorias antropológicas que serviram de base para o estudo e a etapa subsequente consistiu no trabalho de campo de caráter etnográfico. Por meio da observação participante acompanhei seus atendimentos e dediquei atenção às falas e comportamentos das minhas interlocutoras, observando atentamente seu cotidiano e tomando nota sobre suas memórias e técnicas do partejar. Demonstro que o processo de compreensão, assimilação e desenvolvimento dos conhecimentos tradicionais do partejar podem ser pensados por meio da educação da atenção proposta por Ingold.

Palavras-chave: Parteiras tradicionais. Partejar. Curiosidade. Necessidade.

ABSTRACT: This article deals with the learning of Traditional Midwives of the Municipality of Santana, in the state of Amapá. The objective is to describe how the process of learning childbirth techniques used in the services provided by traditional midwives of Santana to the pregnant women occurs. The research took place in the period from 2016 to 2018, and the first phase dealt with the bibliographical survey about the theme and the anthropological theories that served as the basis for the study, while the subsequent phase consisted of ethnographic fieldwork. Through

¹ Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco (FADE/UFPE). Mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco - PPGA/UFPE (2018); Graduação com Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP (2016). Atualmente faz parte da equipe que pesquisa os saberes e práticas das Parteiras Tradicionais do Brasil com vistas à instrução do processo de registro como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil (CONT. 207/2018 FADE/UFPE). Membro do Laboratório de Estudos Etnográficos (LAET/UNIFAP) e do Núcleo Família, Gênero, Saúde e sexualidade (FAGES/UFPE). E-mail: ysa.n@hotmail.com.

participant observation, I followed your calls and I paid attention to the speeches and behaviors of my interlocutors, observing carefully their daily life and taking notes about their memories and childbirth techniques. This process of understanding, assimilation and development of the traditional knowledge of childbirth techniques can be thought through the education of attention proposed by Ingold.

Keywords: Traditional Midwives. Childbirth Practice. Curiosity. Necessity.

INTRODUÇÃO

O trabalho das parteiras engloba uma gama de atividades que ultrapassa a prática de assistir ao parto (Fleischer, 2006, 2007). Elas são conselheiras dentro de suas comunidades, realizam massagens e “puxações”², recomendam e preparam remédios caseiros para o tratamento de cólicas, tosse, gases e dores em geral para toda comunidade. No que se refere ao atendimento às grávidas, costumam acompanhar todo o período de gestação cuidando do bem-estar da mulher, verificando se a gestação transcorre sem grandes problemas e cuidando da mãe e da criança após o nascimento.

As parteiras tradicionais são muito exploradas no que diz respeito aos seus saberes e ao papel que ocupam nas comunidades em que atuam, principalmente comunidades ribeirinhas, áreas rurais e de difícil acesso, onde o sistema único de saúde (SUS), não alcança. Há muita discussão sobre o papel dessas mulheres enquanto agentes de saúde³ e que possuem uma missão ou um dom divino, no entanto, suas narrativas enquanto mulheres que não passaram por uma estrutura formal de educação são pouco exploradas nas bibliografias que versam sobre parteiras tradicionais, por isso a necessidade de entender seus discursos de possuidoras de saberes intrínsecos e que não passaram pelo modelo formal de ensino/assimilação/aprendizagem das técnicas utilizadas em seus atendimentos.

O problema gira em torno de que, muitas dessas mulheres apontam como única forma de assimilação dos conhecimentos das técnicas efetuados durante seus atendimentos os “dons” recebidos, afirmam que não foram ensinadas e não passaram pelo processo formal de educação. Dessa forma, minha colaboração nos estudos sobre parteiras tradicionais será de desvendar como essas práticas e técnicas do partejar são assimiladas por elas. Ainda, outro ponto a ser explorado são os motivos de serem as mulheres a maioria no exercício da função de parteira, qual explicação e quais as razões para essa prevalência? Dessa maneira, buscarei explicar, a partir dos atendimentos realizados por parteiras tradicionais no período da gestação, parto e pós-parto na cidade de Santana/AP, como são assimiladas e desenvolvidas as técnicas do partejar tradicional.

Minha inserção em campo foi tranquila, uma vez que venho trabalhando com parteiras tradicionais da região há uns anos. A escolha do município de Santana – AP, segundo município mais populoso do Estado do Amapá, que concentra 101.262 habitantes (IBGE, 2010), se deu por uma lógica de operacionalização, é a única associação do estado que possui atividade semanal para reunir as parteiras associadas, o que proporcionaria um encontro com várias dessas

² “Puxações” são os nomes atribuídos pelas parteiras tradicionais no Amapá e Pará as massagens feitas na barriga da gestante com o intuito de colocar o feto na posição correta, ou seja, na posição cefálica. No entanto, pode ser denominado de puxação também massagens musculares feitas por elas na comunidade, para aliviar dores e distensões musculares.

³ A ocupação parteira consta na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego, sob o código 5151-15, na família ocupacional agentes comunitários de saúde. (BRASIL, 2011).

mulheres, além do município ter um número expressivo de parteiras cadastradas, aproximadamente 150 mulheres.

O percurso metodológico baseou-se na etnografia, que, como pontua Ingold (2015), objetiva descrever de forma sensível, afiada e precisa a experiência do outro, através de uma observação detalhada. Por meio da observação direta, de modelo interpretativo, através do qual, segundo Jaccoud e Mayer (2008), apreendem-se as significações que os atores sociais atribuem aos seus atos, acompanhei e observei as parteiras tradicionais em seu dia a dia. Nísia⁴, Clara, Dandara, Anne e Penha, foram minhas informantes principais, acompanhei seu cotidiano e os atendimentos que prestavam à comunidade, com ampla experiência, eram reconhecidas como “parteiras de verdade” por seus pares. Conversei com 21 parteiras nos encontros semanais, cursos e atividades que participei. Ainda pude dialogar com a presidenta da Associação de Parteiras Tradicionais Tia Cecília (ASSPARTICE), Olga. E algumas vezes com Carolina, responsável pela Rede Estadual das Parteiras Tradicionais do Estado do Amapá Tia Vavá. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Os vídeos dos atendimentos de puxação também foram transcritos. Foram feitas fotos, além de anotações em diário de campo.

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Dandara casou-se aos 17 anos e teve seu primeiro filho aos 19. Iniciou o partejar aos 20 anos, na localidade de Maracanaum, comunidade ribeirinha do interior do estado. Contou que fez o primeiro parto em uma situação de “necessidade” e agiu da mesma forma que a parteira que pegou seu primeiro filho, uma vez que nunca havia feito um parto.

Olha, comecei a pegar bebê tinha 20 anos, [...] a menina que foi tava grávida. Aí quando foi, deu a dor nela e o marido dela muito nervoso... aí ele foi lá: ‘dona Dandara, a senhora não quer ajudar?’. Eles moravam num galpão. Eu digo ‘tá’, aí fui no meu quarto, peguei a tesoura, aí olhei pra cara dela e disse: ‘mana tu tem coragem de ter bebê comigo?’ ela disse: ‘eu tenho mana, eu tenho sim!’. Minha mana que quando eu entrei pro quarto, peguei a tesoura, ela gritou ‘o que é isso?!’ a bolsa tinha arrebentado! Aí eu digo ‘ó mana, vamo partar? [...]. Tudo eu ia ajeitando pra ela, falando tudinho, assim como a parteira fez pra mim do primeiro, assim eu ia ensinando pra ela. Eu tinha o Dico recente nesse tempo. [...]’ (Dandara, 2016)

Lembrou que sua avó era parteira, mas não teve muito contato com ela por sua perda prematura “Minha avó era parteira de classe ainda! A minha avó era parteira, era chamada pra todo lugar [...]. E ela morreu nova a minha avó”. Acredita que possui o “dom” do partejar e que esse passou de sua avó para ela “Eu acho que foi dom que Deus me deu porque eu nunca tinha visto mulher ganhar bebê. Eu acho que eu puxei o dom da minha avó, porque ninguém não me ensinou”. Explicou também que o “dom” é uma forma de coragem e sabedoria repassada por Deus, uma vez que sua mãe e sua filha eram muito temerosas sobre o assunto, não gostando de estar por perto, ela ao contrário afirma “eu tinha aquela convicção sabe? Quando o bebê nascia, eu escutava o choro pra dentro do quarto assim... mas de primeiro as mães, elas não diziam o que as mulheres tinham.”

Anne vivia na comunidade ribeirinha de Igarapé Grande, não conheceu sua mãe, que faleceu durante seu parto, foi criada com o pai e madrastra. Da sua família apenas sua bisavó era

⁴ Os nomes reais das parteiras foram substituídos por personagens femininas conhecidas da história.

parteira, mas não chegou a ter contato com ela. Lembrou também que sua madrinha exercia o partejar, mas rememora que “antigamente não era permitido que as crianças se metessem na conversa de adulto, Deus o livre, eu ouvia escondida as conversas das parteiras e da madrinha, atrás das portas, eu era curiosa!”. Casou-se a primeira vez aos 15 anos, idade que também iniciou no partejar, relatou:

Essa mulher que eu lhe contei, o marido dela foi fazer a quinzena né? E ela não falou nada com ele que ela tava com dor, do primeiro filho a gente não sabe né? aí tá, ela agarrou, foi lá: ‘dona Paula, eu queria que a senhora deixasse sua filha ficar comigo até o meu marido voltar’, aí a madrastra disse: ‘vai minha filha, te arruma e vai, deixa que o açai eu amasso’. Cheguei lá, ela com a cara feia, garrei fiz um caribé⁵ pra ela bem feitinho, ela tomou só um gole... ela disse ‘ai, eu tô com uma dor diferente’. Aí eu disse assim: ‘escute aí, a senhora já tava sentindo?’, ela disse: ‘não, agora que espertou a dor’, perguntei se ela disse pro esposo dela, ela: ‘não, ele foi fazer a quinzena, comprar o que ainda falta.’ Aí eu disse: ‘deite aqui, quem sabe eu puxando não vai passar a dor.’... que puxando nada, moleque nasceu, tamanho menino, pesava uns três quilos [...]. O ‘ímbigo’ cortei, espremi aquele ‘sanguezinho’, passei a amêndoa doce, puxei ele, endireitei, entreguei ela com oito dias pro marido dela, todo dia eu puxava ela. (Anne, 2016)

O primeiro parto foi uma surpresa tanto pra ela como para a gestante. Ao tocar a barriga com a “puxação” julgou que aliviaria a dor e ao dar caribé não tinha consciência de que estimularia as contrações da gestante, pois a tentativa era deixá-la bem alimentada, uma vez que o caribé é bastante produzido por ser considerado alimento que proporciona sustância. Relatou que ouvia pelos cantos da casa as conversas dos adultos, mas não tinha o conhecimento exato sobre as técnicas empregadas nos atendimentos do partejar.

Nísia afirma que desde seus 10 anos sentia vontade de atender, ouvia pelos cantos as conversas e produzia remédios caseiros, lembra que curava garganta e gripe de outras crianças mesmo com pouca idade e cuidava delas no pós-parto. No parto em si só pôde iniciar aos 22 anos. Veio de Gurupá, interior do Pará, abaixo o relato do primeiro parto que fez, já morando em Santana.

Eles me chamaram que era pra fazer uma massagem, porque ela tava se sentindo ruim. Nesse tempo era muita dificuldade, que não era toda vez que tinha médico aqui nesse hospital, no posto aí. [...] Quando eu cheguei lá, na verdade não era pra fazer massagem, era pra pegar o neném, já era pra pegar o bebê! [...] a sogra dela parece que não ficou muito conformada que eu disse que já era pra ela ganhar o bebê, ela mandou chamar outra parteira. Quando chegou a parteira disse “não, aqui não tem nada de errado, o parto ela já pegou o bebê, então o que eu vim fazer? Só olhar mesmo, que tá tudo normal aqui, não tem nada de errado.” (Nísia, 2017)

Casou-se aos 19 anos, afirma que sua aula foi sua gestação. Contou que buscava parteiras para lhe puxar, mas se não sentisse melhora cobrava, dizendo sentir o feto mal posicionado. Antes de casar é que tinha mais contato com as mulheres parteiras da família, visualizava a preparação de remédios caseiros e as massagens que eram feitas por estas. Depois de casada colocava em prática quando buscada pelos mais próximos, no momento em que se viu em situação de “necessidade” para ajudar outra mulher, iniciou o partejar, desde então não mais

⁵ Caribé é uma espécie de caldo fortificante produzido no Norte do Brasil, é feito com farinha d’água e manteiga, segundo as parteiras, a bebida é um bom fortificante e a ajuda a aumentar as contrações para o momento do parto.

cessou seus atendimentos. Sua avó e mãe eram parteiras, no entanto, afirma que foi durante sua gravidez que entendeu melhor os processos do parto.

Clara nasceu no Rio Igarapé Grande. Antes mesmo de iniciar como parteira, aos dez anos, iniciou-se na Umbanda. Diferentemente das outras parteiras, explica que seu “dom” se manifestou “eu não percebi, começou a me atacar os espíritos que apanha a gente, de idade de dez anos começou a me atacar... o espírito me apanhava e falava aquilo pras pessoas, entendeu? Igual nós tamo conversando aqui, é assim que é os espíritos.”. Dessa forma, ao receber o “dom” já começou a fazer remédios caseiros e benzer, as explicações sobre como adquiriu tais conhecimentos são diretas “quando você tem um dom que Deus lhe dá, você sabe tudo que tem que fazer direito. O guia ensina, é um ensinamento. O guia é mesmo que ser uma pessoa igual você, ele tá aqui ensinando. Eu aprendi.”.

Para Clara, não foi uma surpresa quando aos 17 anos começou a partejar. Também em situação de “necessidade”, como não havia parteira ficou responsável por realizar o parto da cunhada e assim o fez. Nessa época ainda não havia passado pela experiência da maternidade. O motivo de não ter sido uma surpresa foi o fato de já ser iniciada na umbanda e contar com auxílio dos guias nas situações que precisava intervir. Conta que nos momentos em que atendia os partos, além de ter um diálogo com Deus, tinha a intervenção da Cabocla vovó Luiza, que, segundo ela, é uma entidade parteira. Sobre o primeiro parto, relata:

Com dez anos eu já trabalhava, fazia remédio caseiro, fazia tudo. Com dezessete anos, quando minha cunhada ficou gestante que não tinha parteira, era muito difícil, aí Deus me deu o poder na mão, fui e fiz o parto da primeira filha dela. [...]. Essa cabocla me ensinou tudo, basta eu lhe dizer, eu tenho uma inteligência que eu brotei, como se cortava o umbigo, como se da banho, se o bebê tivesse problema chupar na narina pra respiração, no interior não tem o que em Macapá e Santana tem. No interior era difícil, é barco, era canoa, essas coisas. No interior não tem nadinha disso que tem na cidade. [...]. (Clara, 2017)

Penha iniciou o partejar na comunidade de Camaipi. Lembra que aos 14 anos já acompanhava sua avó parteira, durante o parto em si ficava de fora, atuando novamente após o nascimento, permanecendo os oito dias na casa da gestante, fazia comidas apropriadas e acompanhava a avó nos cuidados com a parturiente e o recém-nascido. Interessante também é seu relato de que ao acompanhar os feitos da avó, quando via algo novo e interessante, anotava em um caderno para não esquecer. Apesar disso, apenas aos 30 anos iniciou no partejar, também em situação de “necessidade”:

Eu tava gestante da minha segunda filha, aí a professora no Camaipi se deu comigo né? [...] Aí quando foi um dia, ela já tava pra ganhar neném. Quando deu dor nela, mandou me chamar. [...]. Nunca tinha pegado um filho. Aí eu fui, dei banho no neném, cortei o umbigo pelo rumo, mas eu já tinha antes uma ideia né? Ajeitamos tudo e pelo amanhecer a criança já tava no colo da professora, foi assim que começou. (Penha, 2017)

Além da própria experiência na maternidade e da experiência que teve ajudando a avó na adolescência, conta que sempre ficava próxima de mulheres gestantes “eu sou muito curiosa né? Quando uma pessoa ia ganhar neném, sempre eu gostava de saber como era.”. Após realizar o primeiro parto viajou para Santana para ter sua filha na maternidade e acabou permanecendo no município, mas sempre visitando as comunidades ribeirinhas, onde realiza a mai-

oria dos atendimentos ao parto.

SOCIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE AMAZÔNICA

O partejar tradicional é um conjunto de atendimentos com técnicas de cuidado próprias das parteiras tradicionais, técnicas desenvolvidas durante suas vivências junto de familiares ou mulheres parteiras com as quais tiveram contato durante a vida, e foram aprimoradas durante sua carreira no partejar. Mauss define “técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica nem transmissão se não houver tradição.” (2015:405).

Mauss fala também que “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é o seu corpo.” (2015:405). Entre as parteiras estudadas, o principal objeto técnico são as mãos, uma vez que é através delas que são feitas as “puxações”, o parto e produção de remédios caseiros usados nos atendimentos, ou seja, para qualquer etapa da prática do partejar se faz necessário o uso das mãos, seja como objeto técnico ou para manuseio deste. O autor pontua que esses atos técnicos executados não são produzidos individualmente e sim socialmente, através da sociedade em que estão inseridos e de sua educação (Mauss, 2015:406)

A cidade de Santana, onde foi desenvolvida a pesquisa é uma área urbana, no entanto, todas as parteiras estudadas nasceram e foram criadas em comunidades ribeirinhas, situadas às margens de rios, nos interiores dos Estados do Amapá ou Pará e apenas na idade adulta migraram para a área urbana por diversos motivos. Das parteiras estudadas apenas Nísia iniciou o partejar na área urbana, em Santana.

As parteiras são partes de um grupo maior, as denominadas comunidades ribeirinhas que se encontram dentro do conceito de populações tradicionais. Prado (2012), ao falar sobre populações tradicionais trava uma discussão sobre os vários conceitos que apontam se uma comunidade é ou não população tradicional, o que acaba aprisionando essas pessoas dentro desses conceitos dados e as colocando sempre em oposição ao “moderno”. Em contrapartida, sugere que devemos compreender o conceito de populações tradicionais o desvinculando do discurso que faz frente a modernidade, isso pode ser feito, segundo a autora, através da consideração do conhecimento tradicional gerado nas práticas da comunidade e não como herança de outras gerações, pois considerar isso seria uma tentativa de medir se um grupo é mais ou menos tradicional por não seguir exatamente aquele modo de fazer das gerações anteriores, “O conhecimento é local porque é inerente à atividade de habitar a terra, que de fato cria o lugar. E ao criar os lugares essa atividade também faz os habitantes serem daqueles lugares – ela os torna locais. (Prado, 2012:182 *apud* Ingold & Kurttila, 2000:195)

A autora salienta que essa nova forma de conceitualizar as populações e conhecimentos tradicionais permite uma abertura maior dos diferentes grupos sociais que estão inseridos nessas categorias e seu direito de permanecerem nesses espaços e denominações. Isso também ajuda a confrontar a ideia propagada por alguns de que as parteiras tradicionais, ao terem contato com artefatos e saberes médicos nos cursos de capacitação tenham um “esvaziamento gradativo da base tradicional do ofício do partejar” (Barroso e Paiva, 2017:14). O contato com esses saberes da medicina institucionalizada, como salientou Carolina em uma diálogo, trata-se de uma qualificação, e mesmo em contato com com esses objetos e conhecimentos médicos

não necessariamente é uma premissa de que o conhecimento tradicional será esvaziado ou descartado, exemplo disso é que Nísia, quando vai ouvir o coração do feto usa o estetoscópio que ganhou no “kit parteira” e este empresta para que a mãe ouça, mas nem por isso deixa de fazer uso de seu pinar, objeto tradicional em forma de funil que elas utilizam para ouvir o feto.

Na discussão sobre as populações tradicionais, leva-se em consideração as práticas que ocorrem no lugar habitado, experiências que surgem ao longo da vida naquele lugar. Prado pontua que “o que se ouve, vê, toca, e cheira referente a isso é chave para orientação espacial e coordenação das atividades [...] trata-se mais de conhecer através da prática do que aplicar o conhecimento na prática.” (2012:181). Assim, a autora aponta o conhecimento tradicional como processo e habilidade.

Silva ao falar sobre as parteiras tradicionais de Mazagão – AP e conceituar tradicional aponta para “formas de vida diferenciadas que, em inúmeros casos, vinculam-se a possibilidades concretas de sobrevivência e resistência em situações de desapropriação e perdas de recursos essenciais à reprodução material e social das populações.” (2005:49). Nas comunidades rurais e ribeirinhas, como foi dito anteriormente, as parteiras fazem o papel de agentes de saúde local, atuando diretamente na manutenção de saúde dos que vivem na região, dessa maneira podemos considerar ser o partejar uma prática de resistência e uma maneira de assegurar a reprodução dessas populações com os recursos que possuem.

Na Amazônia, a força dessa prática decorre de dois aspectos particulares: a precariedade dos serviços e equipamentos de assistência à saúde e o predomínio de saberes e práticas de saúde fundadas na fé e no uso de ervas medicinais como recurso para a promoção da saúde comunitárias, tais como a pajelança cabocla e as práticas religiosas de matriz africana. (Silva, 2008:83)

Silva ainda pontua sobre as particularidades que envolvem o cenário amazônico “sua riqueza decorre dessa pluralidade, que possibilita a construção de um patrimônio de conhecimentos e práticas resultantes da convivência de suas populações originárias e tradicionais com seus diferentes ecossistemas.” (2005:51). Dito isso, podemos perceber que a “sociabilidade amazônica”, termo cunhado pela autora para se referir as formas particulares de organização da vida comunitária e do trabalho dentro dessas comunidades rurais e ribeirinhas, leva em consideração uma série de fatores que envolvem ambiente, socialização e contexto nas quais estão inseridas as interlocutoras pesquisadas. Nesse contexto

De fato, existe uma rígida divisão sexual do trabalho, no interior das pequenas comunidades rurais. Não se trata de defender posições ideológicas que advogam a ausência das mulheres em certas atividades produtivas, pois muitos estudos mostram com eloquência a contribuição das mulheres à produção agrícola na região, mas de reconhecer que, no interior dessas atividades, foram delimitadas barreiras que definem até onde vai o trabalho das mulheres. (Silva, 2005:76)

A experiência com as interlocutoras deste estudo apontam para essa linha, onde mulheres atuam mais na esfera doméstica e homens no espaço público. As mulheres realizam pequenas atividades produtivas no ambiente familiar, mas predominantemente atuam nas tarefas do lar, no cuidado com a casa e criação dos filhos. Aos homens cabe cuidar da subsistência, indo caçar e pescar. Heleieth Saffioti explica que:

A sociedade investe muito na *naturalização* desse processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição

do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com esse pensamento, é *natural* que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é *natural* sua capacidade de conceber e dar à luz. (Saffioti, 1987:9)

A desigualdade entre os sexos é muitas vezes interpretada como fenômeno universal. Não generalizar os papéis de gênero é fundamental, uma vez que cada universo é único e tem particularidades que dependem das tantas relações ali estabelecidas. Indo de acordo ao pontuado por Marilyn Strathern, considero que o gênero não pode ser entendido separadamente da sociabilidade, a autora o apresenta enquanto categorial:

[...]. Entendo por “gênero” aquelas categorizações de pessoas, artefatos, eventos, sequências etc. que se fundamentam em imagens sexuais – nas maneiras pelas quais a nitidez das características masculinas e femininas torna concretas as ideias das pessoas sobre a natureza das relações sociais. Tomadas simplesmente como sendo “sobre” homens e mulheres, tais categorizações têm muitas vezes parecido tautológicas. Na verdade, suas possibilidades inventivas não podem ser apreciadas enquanto não se atente para a maneira pela qual relações são construídas por meio delas. (Strathern, 2006:20)

Em sua maioria são mulheres que ocuparam e ocupam o papel de parteiras tradicionais, historicamente à elas foi relegada a responsabilidade pela ministração de cuidados médicos, principalmente no que diz respeito ao parto, no entanto, conforme a medicina se institucionaliza como um saber, passa a ser apropriada pelos homens (Carvalho et al., 2008).

No contexto em que as mulheres parteiras foram socializadas, meninos e meninas ficavam no espaço da casa com a mãe e acompanhavam nos afazeres domésticos, na preparação de remédios caseiros, nos cuidados com os irmãos mais novos, mas predominantemente eram as meninas que mais atentavam para os trabalhos que a mãe desenvolvia, isso ocorria porque os meninos geralmente acompanhavam os pais quando estes iam caçar e pescar, dessa forma eram as meninas que estavam sempre presentes e acompanhando as mães nos afazeres do lar e em atividades que faziam referência ao mundo doméstico. Helena Hirata e Danièle Kergoat ao falarem sobre divisão sexual do trabalho pontuam que:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares, etc). (Hirata e Kergoat, 2007:599)

É impossível negar que existem diferenças na socialização entre homens e mulheres no contexto estudado. A forma como foram inseridos, os meninos acompanhando os pais para o trabalho fora do lar e as meninas em casa, acompanhando a mãe nas tarefas domésticas, sem dúvida é colaboradora para uma predominância feminina na atuação do partejar. No entanto, a “sociabilidade amazônica” nessas comunidades ribeirinhas, proporcionou tanto aos homens, quanto às mulheres um vasto conhecimento sobre o ambiente e as práticas comuns a região. Tive oportunidade de conversar com os companheiros de Dandara, Anne e Nísia, todos oriundos de comunidades ribeirinhas, eles tinham conhecimentos sobre ervas, plantas, sabiam à

que se destinavam. Dandara informou que o companheiro, além desses conhecimentos também atuava com “puxações”, não em mulheres gestantes, mas era conhecido na região por aliviar dores e curar distensões musculares, popularmente chamadas de “rasgadas”.

Esta simetria no processo de conhecimento, que consideramos como uma referência fundante para as epistemologias ecológicas, no entanto, não postula necessariamente a igualdade entre todos os seres que habitam o universo. Ou seja, o fato de que estamos todos – humanos e não humanos – submetidos a um mesmo processo criativo de interações contínuas, que nos permite a aquisição e a incorporação de habilidades, não elimina a diferenciação. Ao contrário, diferenciamos-nos como organismos por meio da diversidade das combinações possíveis dos fluxos de materiais que nos atravessam e das linhas e dos traços que são impressos no ambiente como guias para nossas trajetórias de vida. (Steil e Carvalho, 2014:174-175)

Mesmo a sociabilidade aproximando e disponibilizando aos dois lados a pluralidade e diversidade proporcionada pelas formas de organização da região, a socialização da forma como é posta coloca homens e mulheres em polos distintos. Através disso, é possível conjecturar que a socialização que empurra meninas para o espaço doméstico e os meninos para o público, acaba por não permitir que esses meninos aprimorem essas habilidades da mesma forma que as mulheres. Derbotoli e Sautchuk (2013) dizem que é impossível conceber as pessoas sem considerar os processos que sustentam o seu habitar o mundo.

COMPREENSÃO, ASSIMILAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Há um consenso nas Ciências Sociais sobre como a primeira socialização de crianças tem a família e a vizinhança como espaços de incorporação dos valores e habilidades. São nesses grupos que alguns saberes e técnicas são aprendidos e/ou transmitidos (Mauss 2015; Sautchuk 2007; Tassinari 2015; Brussi 2015). As parteiras tradicionais de Santana contaram não ter passado por um modelo formal de educação e nem ter sido diretamente ensinadas ou guiadas por parteiras mais velhas, seus conhecimentos, segundo elas, advém do “dom”.

Sempre que perguntadas sobre sua iniciação no partejar, como sabiam que tinham o “dom” ou com quem aprenderam as técnicas que utilizavam nos atendimentos, respondiam que seus conhecimentos eram frutos de um dom divino, que não aprenderam com ninguém e que tudo que sabiam era em decorrência dessa dádiva recebida. No entanto, com o tempo de convívio e conversa, foi possível compreender como esses conhecimentos, denominados de “dom”, foram aprendidos por elas. Para isso, farei um diálogo com Ingold onde o autor propõe que “conhecimento consiste, em primeiro lugar, em habilidades, e que todo ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de prática.” (2010:7).

A solução, eu afirmo, é ir além da dicotomia entre capacidades inatas e competências adquiridas, através de um enfoque sobre as propriedades emergentes de sistemas dinâmicos. Habilidades, sugiro eu, são melhor compreendidas como propriedades desse tipo. É através de um processo de habilitação (*enskilment*), não de enculturação, que cada geração alcança e ultrapassa a sabedoria de suas predecessoras. Isto me leva a concluir que, no crescimento do conhecimento humano, a contribuição que cada geração dá à seguinte não é um suprimento acumulado de representações, mas uma educação da atenção. (Ingold, 2010:7)

Ingold ao falar da “educação da atenção”, defende uma perspectiva denominada de “epistemologia ecológica”, nela busca-se superar as dualidades sujeito/sociedade, corpo/mente, natureza/cultura, organismo/pessoa, entre outras, através de uma apresentação das simetrias nas relações de humanos e não-humanos no ambiente. Steil e Carvalho descrevem o que é uma epistemologia ecológica:

As epistemologias ecológicas contrapõem-se à perspectiva representacional. Partem de uma premissa compartilhada de que os significados, os conceitos e as abstrações que resultam do processo do conhecimento não constituem um mundo à parte em relação a matéria e às coisas. Conhecer é fundamentalmente uma habilidade que adquirimos na relação com outros organismos e seres que habitam o mesmo mundo, e não uma prerrogativa humana que se processaria no espaço restrito da mente como uma operação racional. Torna-se, assim, impossível dissociar a mente do corpo, a cultura da natureza, o conhecimento da experiência. Para conhecer a partir da perspectiva ecológica, é necessário estar imerso na matéria e no mundo através do engajamento contínuo no ambiente. (Steil e Carvalho, 2014:164)

A partir dos dados de campo, onde as parteiras tradicionais não identificam que receberam ensinamentos diretos de mães, avós ou outras parteiras próximas, o fato de estarem presentes e com atenção nas atividades indicam que houve um aprendizado, alguma forma de educação. Dito isso, trabalharemos com essa “educação da atenção” e esse “engajamento contínuo no ambiente” em diálogo com os dados de campo. “Curiosidade” e “necessidade” são categorias nativas que irão ajudar nesse destrinchamento do processo de percepção e aprendizagem do partejar tradicional.

A CURIOSIDADE QUE MOLDA

As parteiras relataram que desde cedo acompanhavam as mulheres da família recebendo ou prestando atendimento sobre o partejar. Já aos 10 anos e até mesmo antes disso atuavam ajudando no pós-parto, cuidando da cicatrização do coto umbilical da criança, produzindo remédios e acompanhando as “puxações” que eram feitas em suas casas por parteiras da família. Todos esses cuidados são parte do processo do partejar, no entanto, elas ainda não se consideravam ou eram vistas enquanto parteiras, somente a partir da atuação no parto é que esse título era empregado à elas pela comunidade, e a partir disso elas começavam a se identificar enquanto tal. Mas para chegar nesse momento elas passavam por um processo de descobrimento. Tassinari, ao falar sobre aprendizado entre crianças indígenas pontua que a “ajuda” é uma das etapas do processo de assimilação do conhecimento

O termo local que define a participação infantil que envolve tanto aprendizagem quanto participação na produção é “ajuda”. Isso qualifica o ato de acompanhar os familiares no trabalho: as crianças podem estar brincando de outras coisas perto de onde os mais velhos trabalham, mas sua presença envolve observação, reconhecimento do ambiente, aprendizagem e, eventualmente participação.” (Tassinari, 2015:152).

Com essa ajuda, as crianças iam adquirindo habilidades sobre determinada função, isso também foi percebido entre as parteiras estudadas aqui. Quando afirmavam que enquanto a mãe finalizava o parto elas preparavam um banho, uma alimentação para as gestantes, ou depois do

parto, com a criança, observavam e cuidavam do umbigo, esses processos já estavam demandando delas algumas funções sobre o partejar e assim proporcionando a criação de habilidades. Sautchuk (2015) pontua que o processo de aprendizagem não ocorre por meio de uma ação orientada de um adulto, mas sim pela observação e participação nas atividades.

Uma das frases que mais ouvi foi “Ah minha filha, eu era muito curiosa!”, ela era dita quando eu questionava sobre como elas sabiam puxar ou que remédio receitar para cada situação que surgia nos atendimentos. Segundo relataram “nesse tempo as crianças não podia tá junto dos adultos não!” e quando acompanhavam mães, tias, avós ou outras mulheres que trabalhavam no partejar ou que estavam sendo atendidas conseguiam ouvir e ver alguns procedimentos efetuados no momento da “puxação”, produção de remédios caseiros ou no pós-parto. Também confessaram “brechar” e ouvir “atrás das portas” quando as mulheres mais velhas falavam sobre a experiência do parto.

No momento do parto, tudo era restrito, elas apenas ouviam os sons que vinham do quarto, ao levarem água, toalhas ou outro objeto solicitado pela parteira, observavam muito rapidamente o que acontecia dentro do espaço. Após o parto, o contato já era com uma criança e a mãe, ambas já limpas e o ambiente organizado. O que acontecia no momento do parto era nebuloso para elas. Ingold explica sobre a importância de ver e ouvir nos processos de percepção e aprendizagem das pessoas. O autor pontua que a percepção “não é uma operação que acontece “dentro-da-cabeça”, executada sobre o material bruto das sensações, mas ocorre em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo.” (2008:2), dessa forma o autor pontua que “olhos e ouvidos não devem ser entendidos como teclados separados para o registro das sensações, mas, sim, como órgãos do corpo como um todo em cujo movimento dentro do ambiente, consiste a atividade de percepção.” (Ingold, 2008:28).

As parteiras tradicionais dentro do ambiente em que estavam inseridas, no momento do parto, aonde havia maior restrição à presença delas, incorporavam o que o autor denomina de “atenção auditiva que converte a visão em vigilância” (Ingold, 2008:38), ele explica que “é precisamente a incorporação da visão ao processo de percepção auditiva que transforma ouvir passivamente em escutar ativamente. Mas o oposto também se aplica” (2008:38). Ao ativarem a “curiosidade” para todos os movimentos e ruídos que ocorriam no quarto, combinado a observação do que se passava ali através da percepção de qualquer movimentação, ativava nelas a imaginação sobre toda a situação vivida, que se confirmava ao adentrarem o espaço após o parto, já com uma criança. Rememorando o que foi ouvido e visto era possível fazer essa reconstrução do ocorrido, mesmo que não totalmente fiel a realidade.

O processo de aprendizagem se dava através dessa relação experiencial com o ambiente e situação que estavam inseridas, ou como Ingold (2010) salienta em seus escritos, o ser humano, como qualquer outro organismo é causa e efeito de si mesmo. Esse momento de “ajuda”, combinado a “curiosidade” das parteiras na situação vivenciada é que proporciona à elas o aprendizado inicial sobre o partejar. Ingold chama de “descobrimento dirigido” o ato de *mostrar* “mostrar alguma coisa à alguém é fazer essa coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo.” (2010:19). As parteiras ao pedirem ajuda de suas filhas e netas com os afazeres referentes ao partejar estão fazendo com que essas técnicas estejam visíveis para o aprendizado das “curiosas” e assim, com esse contato inicial, elas podem aprender e criar habilidades com determinada técnica através dessa “educação da atenção”.

Nísia além de afirmar que desde seus 10 anos produzia remédios, nas ajudas com o partejar

verificava e cuidava do umbigo da criança após o nascimento, isso era uma forma de reconhecer o que a parteira havia feito ali; Anne ouvia pelos cantos da casa quando as mulheres conversavam sobre o parto e sabia as propriedades de muitas plantas que aprendeu desde muito cedo a manipular para os mais diversos fins; Penha era alfabetizada e afirmou que quando via a parteira fazendo algo diferente anotava em um caderno para não esquecer; Dandara levava sempre que preciso algumas coisas para o quarto quando solicitada e observava; Clara afirma desde os 10 anos trabalhar com manipulação de ervas e plantas e saber práticas de cuidado em saúde.

Não é exclusivamente através de uma “herança das antepassadas” ou fielmente através de uma “transmissão oral” que esses conhecimentos são repassados para mulheres parteiras. As circunstâncias em que elas foram inseridas, as experiências que elas acompanharam ao ver outras mulheres em atendimento, os conhecimentos que possuíam sobre o ambiente e remédios naturais que são ensinados pelos familiares, combinado a observação atenta e “curiosa” são alguns dos elementos que possibilitaram à essas mulheres obterem os conhecimentos nessa fase inicial da prática do partejar. Além disso, algumas das parteiras com as quais tive contato iniciaram o partejar depois de passar pela experiência do parto, elas afirmaram que isso ajudou bastante nesse aprendizado.

Passado o momento inicial, que considero como momento de compreensão e assimilação das primeiras etapas do partejar, em que são criadas situações para que as “curiosas” aprendam as técnicas através da ajuda que prestavam as parteiras mais velhas, é chegado o momento em que a habilidade que estava sendo cultivada será posta em prática, esse momento é a “necessidade”, quando praticam as habilidades já conhecidas no momento inicial de assimilação e compreensão enquanto pessoas “curiosas”.

A “NECESSIDADE” FAZ SURGIR A “PARTEIRA DE VERDADE”

A “necessidade” é aquele momento de urgência, que uma mulher precisa de ajuda para o parto e sem muitas opções disponíveis a, até então “curiosa”, se prontifica nesse auxílio à gestante. Esse momento é a justificativa para totalidade das parteiras com as quais estudei se inserirem no ofício do partejar, por isso classifiquei o momento da “necessidade” como a iniciação das parteiras que até aquele momento eram apenas “curiosas” no processo do partejar.

Como já mencionado em outros momentos, as “curiosas” tinham acesso a todas as práticas do partejar, exceto ao parto. No entanto, pelas observações que fizeram nos momentos de ajuda, pelo que ouviram “da conversa dos adultos” ou “atrás das portas” e até mesmo pela própria experiência de seu parto, uma vez que muitas iniciaram após terem filhos, é possível ter uma noção mínima sobre esse momento. A pergunta é, como essas mulheres, até então iniciantes no parto vão atuar nessa situação de “necessidade”? Para responder, relembremos Mauss, quando fala sobre técnicas do corpo

O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. (Mauss, 2015:403)

Ingold também fala sobre essa cópia ou imitação. Para ele “o iniciante olha, sente ou ouve os movimentos do especialista e procura, através das tentativas repetidas, igualar seus próprios

movimentos corporais àqueles de sua atenção” (2010:21). Dessa forma, com a experiência acumulada através do descobrimento dirigido, das informações que possuíam por meio das observações de ver e ouvir e através de suas próprias experiências como mulheres que passaram por um parto, elas imitavam e improvisavam técnicas para o momento em que tiveram que acompanhar um parto. Essas improvisações e imitações foram resultados de todas as experiências vividas até então e foram escolhidas para serem colocadas em prática justamente pela confiança, pelos resultados positivos que alcançaram até então e pelo prestígio das pessoas que desenvolveram determinada técnica.

Como Debortoli e Sautchuk pontuam “a técnica não é, assim, um produto objetificável, mas formas necessariamente sempre novas de acoplamento em situações específicas” (2013:10). Os autores querem apontar que é apenas por meio dessa iniciação que será possível ver as habilidades do indivíduo, uma vez que é o momento de colocar a prova sua capacidade de resolução dos problemas, mostrando-se assim capazes de atuar na vida social, para eles “o que se aprende são formas de solucionar praticamente problemas motores/sociais que nunca se repetem perfeitamente, onde cada gesto é um ato de participação/improvisação.” (Debortoli e Sautchuk, 2013:11).

Ao falar sobre a improvisação, quer se deixar claro que cada situação é única e que cabe ao indivíduo que está à frente da atuação técnica verificar, através de suas experiências no mundo qual o melhor caminho a ser seguido. É somente por meio de sua atuação prática e das diversas experiências acumuladas durante a vida que serão escolhidas as formas de se resolver os problemas apresentados em situações diversas e ao mesmo tempo específicas.

Na passagem das gerações humanas, a contribuição de cada uma para a cognoscibilidade da seguinte não se dá pela entrega de um corpo de informações desincorporada e contexto-independente, mas pela criação, através de suas atividades, de contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação. Em vez de ter suas capacidades evolutivas recheadas de estruturas que *representam* aspectos do mundo, os seres humanos emergem como um centro de atenção e agência cujos processos *ressoam* com os de seu ambiente. O conhecer, então, não reside nas relações entre estrutura do mundo e estruturas na mente, mas é imanente à vida e consciência do conhecedor, pois desabrocha dentro do campo da prática – a *taskscape* – estabelecido através de sua presença enquanto ser-no-mundo. (Ingold, 2010:21)

Essa improvisação nada mais é do que o resultado da percepção e ação que o indivíduo capta em seu ambiente, no caso das parteiras tradicionais aqui retratadas, cada técnica tem uma forma e ritmo próprio, mas ao final alcançam o resultado esperado, o parto seguro para mãe e bebê. “As disposições corporais e o vínculo com o ambiente são dimensões privilegiadas dessas pedagogias, que se valem dos contextos de prática para o desenvolvimento de habilidades e a transmissão de valores, saberes e identidades coletivas.” (Tassinari, 2015:169). Nas comunidades ribeirinhas, homens e mulheres tem acesso aos conhecimentos sobre ervas, plantas e raízes e como eles podem auxiliar em questões de saúde, com isso a produção e consumo de remédios caseiros é algo comum na região, que possuem recursos naturais ali disponíveis para tratamento de inúmeras doenças (Silva 2005; Pinto 2010). Podemos conjecturar que no caso das parteiras tradicionais também há essa dimensão privilegiada das pedagogias tanto pelo ambiente em que estão inseridas, como pelo contexto de contato com parteiras tradicionais e seus saberes e práticas.

A “necessidade” é o momento que irá transformar essa pessoa “curiosa” em uma parteira, no entanto, nesse primeiro momento da iniciação, mesmo com o sucesso do parto, essa mulher não receberá ainda o status de “parteira de verdade”, uma vez que existem mulheres que fizeram alguns partos, mas nem por isso são consideradas pelos seus pares como fazendo parte da categoria. Esse status só será alcançado através de vários atendimentos efetuados e pelo sucesso destes. A partir disso é que irá se confirmar se uma mulher possui o “dom” e poderá passar ao patamar de “parteira de verdade”.

Para ser uma “parteira de verdade”, pelo relatado por minhas interlocutoras, é necessário ter um histórico de sucesso nos partos, ter o “dom” e ser ativa nas atividades que envolvem o processo do partejar. De nada adianta atuar no parto em uma situação de “necessidade” e ter sucesso neste, se não há a predisposição necessária, o ser ativo e “curioso” constante que atribui à essas mulheres a categoria prestigiosa de possuidoras de “dom”. Mauss pontua que “o adestramento, como a montagem de uma máquina, é a busca, a aquisição de um rendimento. Aqui, é um rendimento humano.” (2015:408), para complementar

Aqui intervém a noção, muito importante em psicologia e sociologia, de destreza. [...] para designar as pessoas que têm o senso da adaptação de seus movimentos bem coordenados a objetivos, que têm hábitos, que “sabem como fazer”. É a noção inglesa de “*craft*”, de “*clever*” (destreza, presença de espírito e hábito), é a habilidade em alguma coisa. (Mauss, 2015:408-409)

Dessa maneira, pode-se confirmar a premissa de que esse rendimento e destreza de que trata o autor, faz referência a capacidade de adaptação das mulheres parteiras ao saber/fazer, de ter habilidade no partejar e continuar atuando nessa prática. Ingold também fala sobre destreza, para ele “a destreza é um complemento necessário para o que David Pye (1968:4-5) chamou de “trabalho de risco”. Nesse trabalho a qualidade do resultado depende a todo momento, do cuidado e do juízo com que a tarefa prossegue.” (2015:105). Dessa forma, a destreza se apresenta como uma vigilância constante dentro da atividade prática, ou um “acoplamento de movimento e percepção” que o autor afirma ser a chave para que uma prática se torne qualificada.

Cada atividade técnica desenvolvida por elas, seja a “puxação”, produção de remédios caseiros, parto ou rezas, são técnicas desenvolvidas de um jeito único. Não há um manual de como proceder no partejar tradicional, com etapas a serem seguidas. Cada uma delas desenvolve suas atividades de forma única, com as diversas informações acumuladas durante o tempo. Um exemplo é a “puxação”, é consenso entre elas toques diretamente na barriga para mudar a posição de um feto, no entanto, algumas adicionam à isso algumas técnicas como: socos na palma dos pés, com a justificativa de que isso reorganiza o feto na barriga da mãe (Clara e Anne); Dandara abraçava a gestante pela cintura e sacudia algumas vezes para que a criança saísse de uma posição desconfortável; Nísia tinha restrições de tocar em algumas partes do corpo da mulher durante a gestação alegando que poderia acarretar em um aborto; Penha ao contrário de todas as parteiras entrevistadas, só puxava a parturiente para diminuir a barriga depois de passado os oito dias do pós-parto. Cada uma atua de forma única, de acordo com suas experiências anteriores e essa diversidade não afeta na eficácia do seu saber/fazer.

Ingold salienta que o que vai diferenciar o especialista do iniciante é que quanto mais habilidoso for, menor é a necessidade de elaboração de um plano a seguir, isso ocorre, segundo o autor, pela harmonização entre tarefa e os movimentos efetuados “o movimento corporal do praticante é, ao mesmo tempo, um *movimento de atenção*; porque ele olha, ouve e sente, mesmo quando trabalha.” (2010:18). Esse movimento de atenção é o que vai permitir ao habilidoso

tomar decisões que geralmente são frutos de experiências anteriores e decisões essas que trazem uma resolução para o momento atual. O conhecimento que elas carregam sobre o partejar tradicional é fruto das experiências que tiveram nesse campo prático de atuação, de ser no mundo enquanto parteiras tradicionais “Quanto mais experientes nos tornamos em andar por esses caminhos de observação, mais capazes nos tornamos de notar e responder fluentemente.” (Ingold, 2015:29).

O ambiente, a “sociabilidade amazônica”, o contexto social e cultural em que foram socializadas, possibilitou à elas compreender e assimilar várias das técnicas do partejar muito antes de entenderem do que exatamente se tratava, essa nebulosidade sobre a prática do partejar ativou nelas a “curiosidade” que muitas citam como uma característica marcante da infância e adolescência, que fazia com que estivessem sempre juntas de outras mulheres que atuavam ou que passaram pela experiência do parto e com isso elas acumulavam, compreendiam e assimilavam algumas dessas técnicas. No momento da “necessidade”, esses conhecimentos foram colocados à prova. Não há uma idade exata para essa iniciação, das parteiras entrevistadas há quem iniciou aos 12 anos e quem só passou pelo processo aos 45 anos, todas as experiências foram em momentos de “necessidade” ou urgência. A partir disso essas técnicas foram desenvolvidas e aprimoradas por elas de acordo com cada situação atendida, o que faz com que essa mulher ganhe experiência e se torne uma “parteira de verdade”. Mas para atuarem no partejar é imprescindível que tenham o “dom”.

Quando perguntei o que seria esse “dom” tão salientado por elas, afirmaram ser uma dádiva, uma missão que foi concedida por Deus para que atuassem no auxílio para com essas mulheres. Elas disseram que o “dom” é: uma “coragem”; uma “inteligência”; uma “ciência de Deus”; um “saber” que foi proporcionado à elas para que atuassem auxiliando outras mulheres e justificavam através da exemplificação de não terem sido ensinadas, o que provaria possuírem o “dom”. Na perspectiva trabalhada aqui, podemos inferir que esse “dom”, caracterizado por elas como um saber, trata-se das “habilidades” propostas por Ingold que “emergem através dos trabalhos de maturação no interior de campos de prática constituídos pelas atividades de seus antepassados” (2010:16). Compreendo o “dom” como essa predisposição em ser ativa e “curiosa” sobre tudo que envolve as técnicas do partejar, isso faz com que elas adquiram essas habilidades que mais tarde serão utilizadas em suas atuações enquanto parteiras.

É importante pontuar que mesmo elas considerando o “dom” um saber inato, que já nasceu com elas e que estava apenas esperando uma ocasião para desabrochar, denominada como “necessidade”, elas acreditam que há o momento de parar, este, segundo elas, é quando são acometidas por alguma doença (Cardoso e Nascimento, 2017). Clara e Penha estão com problemas de visão, por isso afirmaram quase não mais atuar no parto, a não ser em momentos de “necessidade”. Dandara contou que parou de atuar por dois meses por estar doente e em uma “conversa” com Deus pediu para que ele respondesse com sua cura ou não se aquele era o momento de parar, logo em seguida, diz ter sido curada, assim voltou aos atendimentos. Para elas, as doenças são avisos de que é o momento de parar, que o “dom” já não está presente, mais uma vez, através disso, podemos colocar o “dom” como habilidades, uma vez que as doenças comprometeriam os sentidos dessas mulheres, afetando diretamente suas habilidades, ou sua prática do partejar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo permitiu evidenciar que as maneiras que essas mulheres apreenderam o “dom” foram construídas por meio da “educação da atenção”, uma vez que não foram ensinadas através do modelo formal de ensino/aprendizagem, e nem guiadas propriamente por alguém. Sua atenção aos processos vivenciados por outros, a articulação entre ambiente e organismo, entre natureza e cultura, que desenha as “sociabilidades amazônicas”, o domínio das técnicas e práticas sobre a natureza e processos curativos propiciados por esta, tudo isso a partir de sua inserção no mundo, possibilitou à elas uma compreensão e assimilação das técnicas empregadas no partejar.

O “dom”, categoria central no discurso dessas mulheres para sua inserção no partejar é, aqui sugerida por mim, equivalente ao processo de habilitação proposto por Ingold (2010). Essa habilitação que irá transformar essa mulher que possui “dom” em uma “parteira de verdade”. Através da sua contínua atuação no partejar e os sucessos destes, ela será moldada e denominada como “parteira de verdade” pela comunidade e pelos seus pares, a partir disso também irá se reconhecer como tal. A partir da iniciação, passam a atuar tanto nas comunidades interioranas quanto em áreas urbanas, quando buscadas, como é o caso de Santana.

Sugiro que homens e mulheres dentro da sociabilidade amazônica que foram criados, estão envolvidos e relacionados com as atividades técnicas sobre o partejar, pela visibilidade que possui na região e pela forma que se apresentam à eles, principalmente no que tange remédios e massagens musculares. Isso permite pontuar uma capacidade técnica comum entre os gêneros para atuarem no partejar, isso ainda é possível pelos dados da existência de homens parteiros atuando na região. No entanto, a socialização e os papéis de gênero da forma como são desenhados nessa realidade impede que os meninos desenvolvam os “dons” ou habilidades para o ofício. Somados a isso, a falta de valorização e reconhecimento do partejar como profissão, a associação da atividade como feminina e caritativa e daí sua não valorização, colaboram para que o partejar esteja “destinado” às mulheres.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, I. C; PAIVA, C., 2017. **Saberes comunitários e agência feminina das parteiras amazônicas**. II Congresso de Estudios Poscoloniales y III Jornadas de Feminismo Poscolonial (anais de eventos).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde., 2011. **Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais: o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde.** – Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- BRUSSI, Júlia., 2015. **“Batendo bilros”**: rendeiras e rendas em Canaan (Trairi – CE). Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.
- CARDOSO, M. NASCIMENTO, R., 2017. **The dom for the craft and the gift from god: ethnographic explorations among the traditional midwives of Santana**. Vibrant, v.14, n.2. p.23–38.
- CENSO DEMOGRÁFICO, 2010. **Contagem da População: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=160060&search=amapa|santana>> acessado em: 20 de junho de 2015.

- DEBORTOLI, J.A. SAUTCHUK, C.E., 2013. **Técnica, Corpo e Arte**: aproximações entre antropologia e motricidade. Licere, Belo Horizonte, v.16, n.2.
- FLEISCHER, Soraya., 2007. **Parteira, buchudas e aperreios**: Uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial na cidade de Melgaço, Pará. Tese [Doutorado em Antropologia Social]. Porto Alegre, UFRGS.
- FLEISCHER, Soraya., 2006. **Então, minha filha, vamos se afomentar?** Puxação, parteiras e reprodução em Melgaço, Pará. Rio de Janeiro.
- HIRATA, Helena. KERGOAT, Danielle, 2007. **Novas Configurações da divisão sexual de trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez.
- INGOLD, Tim., 2002. Of string bags and birds’ nests: skill and the construction of artefacts. In: **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling & skill. London: Routledge. p. 349–361.
- INGOLD, Tim., 2008. **Pare, olhe e escute!** Visão, audição e movimento humano. Porto Urbe, São Paulo.
- INGOLD, Tim., 2010. **Da transmissão de representações à educação da atenção**. Educação, Porto Alegre, v.33, n.1. p.6-25.
- INGOLD, Tim, 2015. **O Dédalo e o labirinto**: caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n.44. p. 21-36.
- INGOLD, Tim., 2015. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes.
- JACCOUD, Mylène. MAYER, Robert., 2008. A Observação direta e a pesquisa qualitativa. In Jean Poupard et al. **A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes. p. 254 – 294.
- MAUSS, Marcel., 2003. “As Técnicas do Corpo”. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify. p. 399 – 422.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes., 2010. **Filhas da Mata**: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Açáí.
- PRADO, Rosane Manhães., 2012. Viagem pelo conceito de populações tradicionais, com aspas. In: STEIL, C.A & CARVALHO, I.S. (Orgs). **Cultura, percepção e ambiente**: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro nome. p. 173-189.
- SAFFIOTTI, Heleieth., 1987. **O poder do macho**. São Paulo, Moderno.
- SANTOS, Silvéria Maria dos., 2010. **Parteiras tradicionais da região do entorno de Brasília, Distrito Federal**. Tese. [Doutorado em História]. Brasília, UnB.
- SAUTCHUK, Carlos., 2015. **Aprendizagem como gênese**: prática, skill e individuação. Horizontes Antropológicos, v. 21, n. 44: 109–139.
- SILVA, Alzira Nogueira da., 2005. **“Pegando vida nas mãos”**: um olha etnográfico sobre saberes e práticas das parteiras tradicionais nos circuitos do Amapá em mudanças. Dissertação [Mestrado em Sociologia]. Fortaleza, UFC.
- SILVA, Alzira Nogueira da., 2008. Parteiras tradicionais do Amapá: descortinando um universo de sentido dos saberes e das práticas do ofício de partejar. In: CARVALHO, M. & PINTO, R. (orgs.) **Mulheres e desigualdades de gênero**. São Paulo: Contexto. p.79 – 96
- STEIL, C.A. CARVALHO, I. C. M., 2014. **Epistemologias ecológicas**: delimitando um conceito. MANA. v. 20, 163 – 183
- STRATHERN, Marilyn., 2006. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: editora da UNICAMP.

TASSINARI, Antonella., 2015. **Produzindo corpos ativos:** a aprendizagem de crianças indígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas e familiares. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n.44. p.141-172.